

Paramentos bordados: ocorrências na ilha Terceira (Açores)

Maria Manuel Velasquez Ribeiro

*Museu de Angra do Heroísmo, Ladeira de S. Francisco, 9700 Angra do Heroísmo, Portugal
CHAM-A, Centro de Humanidades, Universidade dos Açores, Rua da Mãe de Deus, Edifício das Ciências
Humanas – Sala 6, 9501-855 Ponta Delgada, Portugal
maria.mv.ribeiro@azores.gov.pt*

Resumo

Alguns estudos oitocentistas atribuíram a um conjunto de paramentos com sebastos bordados aplicados sobre veludo existentes na Igreja do Colégio de Angra do Heroísmo (Ilha Terceira-Açores) origem inglesa e datação incerta, mas anterior ao século XVI. Um outro conjunto de casula e estola, também com sebastos bordados, existente numa igreja rural da ilha (Ribeirinha), permanece uma incógnita quanto à origem e processo de incorporação nos bens da paróquia. Partindo dessas premissas, procurou-se aprofundar o conhecimento sobre a sua permanência nos Açores, reequacionar a origem temporal e geográfica e reconstruir o processo através do qual se foi reconhecendo e efetivando a sua patrimonialização.

Palavras-chave

Paramentos bordados
Companhia de Jesus
Igreja do Colégio de Angra
Igreja da Ribeirinha
Angra do Heroísmo
Açores

Embroidered vestments: findings in the Terceira Island (Azores)

Abstract

A set of vestments with embroidered orphreys applied on velvet fabric, belonging to the Church of the College of Angra do Heroísmo (Terceira Island, Azores), have been attributed, by 19th-century studies, to an English origin and unknown date, but prior to the 16th century. Another set found in a rural church of the island (Ribeirinha), comprises a chasuble and a stole, with embroidered orphreys as well. The origins of this set and its incorporation into the assets of the parish remain uncertain. This article attempts to deepen the knowledge about the presence of these liturgical textiles in the Azores along with their date and place of production and it aims to reconstruct the process of their recognition and consolidation as cultural heritage objects.

Keywords

Embroidered vestments
Society of Jesus
College of Angra Church
Ribeirinha Church
Angra do Heroísmo
Azores

ISSN 2182-9942



O povoamento das ilhas açorianas foi acompanhado a par e passo pela disseminação da rede de paróquias e de agentes da igreja católica por todas as ilhas, constituindo-se a diocese de Angra (criada em 1534), a par dos municípios, a instituição mais antiga dos Açores.

Necessária à sua sobrevivência, a competência académica e doutrinal dos prelados assumirá particular preocupação para a hierarquia diocesana que demonstrará, igualmente, uma eficaz capacidade de utilizar os meios de comunicação que, em cada época, se lhe foram disponibilizando [1].

Mosteiros e conventos partilham da mesma missão de doutrinação catequética, cabendo aos franciscanos a primazia da constituição, nas suas casas, de classes de primeiras letras, latim e moral. A chegada dos jesuítas a Angra, em 1570, e a Ponta Delgada, em 1591, amplia a oferta de ensino, sendo que os colégios da Companhia e as competências dos seus consagrados estabelecem-nos como os principais diretores espirituais das elites, força moral, política e intelectual do meio, e responsáveis pela abertura de diferentes aulas e colégios [2]; são, justamente, os principais responsáveis pela escassa presença conhecida de paramentos bordados na diocese: duas casulas e duas dalmáticas em Ponta Delgada [3, pp. 62-79 e 122-126; 4, pp. 25-28], e cinco peças ainda hoje pertencentes à Igreja do Colégio de Angra. A exceção pertence à igreja paroquial da freguesia rural da Ribeirinha (ilha Terceira), que guarda duas peças bordadas praticamente desconhecidas. As de Ponta Delgada e Angra, porém, suscitaram o interesse de alguns estudiosos, desde a última década de oitocentos, devido à inusitada proveniência e datação que lhes atribuíram e que remete para a Inglaterra quatrocentista; contudo, o percurso da sua patrimonialização e as circunstâncias e agentes que, promovendo a sua retirada do contexto funcional que lhes era próprio, conduziram ao seu reconhecimento como “os mais famosos paramentos existentes na diocese” [5] como lhes chamou o historiador local João Afonso, não foram suficientes para promover o aparecimento de mais contributos que expliquem, justifiquem e avaliem a sua singularidade e presença nos Açores. A reflexão em torno das peças terceirenses é, portanto, o objeto deste artigo.

As peças da Igreja do Colégio de Angra

As cinco peças – duas casulas, dois manipulos e uma estola – parecem agrupar-se em dois conjuntos cujas peças se relacionam pela função litúrgica a que se destinam, e pela semelhança da cor e do tipo de tecido de suporte.

Assim, um dos conjuntos é constituído por uma casula e o respetivo manipulo, ambos em tecido de veludo cor de vinho forrados a tecido de seda natural da mesma cor, a primeira, e bege, o segundo. A casula de formato periforme à frente e amplo atrás é rematada a toda a volta, no decote redondo e nos cortes descaídos dos ombros, por galão em fio de seda vermelho tecido e franjado a fio laminado dourado (Figura 1). É atravessada longitudinalmente, na



Figura 1. Casula vermelha do colégio jesuíta de Angra – frente. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

frente e nas costas, por sebastos retos com representações iconográficas bordadas (bordado direto e de aplicação) a fio de seda e fio laminado dourado e prateado sobre tecido de linho [3, pp.180-183], sebastos esses contornados por galão de algodão amarelo, embora imagens fotográficas de 1971 e descrições produzidas aquando do envio das peças para conservação e restauro, em 1991, confirmem que, então, o galão que debruava o sebasto frontal se prolongava até aos ombros contornando os lados do decote, e que os sebastos eram contornados por galão idêntico ao que debruava toda a casula. Só após a intervenção, e talvez em resultado da inutilização do galão original, os sebastos foram contornados pelo galão de algodão amarelo mesclado de verde, que antes contornava o manipulo (agora no sebasto frontal), e um galão diferente em algodão amarelo (agora no sebasto posterior).

O manipulo (Figura 2) é contornado por galão igual ao da orla da casula e apresenta remate nas extremidades com galão tecido e franja de fio de algodão cor de vinho e dourado; no lado exterior da parte que assenta no braço é ornamentado com uma cruz em galão dourado e, no lado interior, possui um cordão cor de vinho que termina em borla.

Na superfície bordada conjuga-se a utilização de diferentes pontos executados com fios de seda e fios laminados em diversas tonalidades, cuja análise – efetuada em fibras dos tecidos de suporte (linho e seda), nas linhas de coser o galão, no fio do galão dos sebastos, no núcleo do fio metálico e nos fios do bordado do sebasto –, permitiu apurar que os corantes usados no seu tingimento foram a garança e a cochirilha (para os vermelhos), o açafão (para os amarelos) e o índigo (para os azuis). Algumas cores foram obtidas através da mistura de corantes e da mistura de fios de cores diferentes: foi assim para as várias tonalidades de azul obtidas pela mistura do corante índigo e um pouco de açafão, mas também pela junção de fios de seda tintos com índigo e alguns fios tintos com açafão; o verde foi obtido pela junção dos corantes índigo e açafão. Essa variedade técnica e cromática e o preenchimento interior de algumas zonas com papel de linho (até agora, o único tipo de enchimento detetado aquando da intervenção de restauro [6]) conferem expressividade e volume às cenas bordadas.

A iconografia bordada apresenta uma sequência narrativa de vários passos da vida de Jesus organizados

em quadros delimitados pela representação de estruturas arquitetónicas que sugerem pequenas edículas, embora o desgaste pelo uso de algumas zonas e os cortes a que os sebastos foram sujeitos dificulte a identificação de algumas figuras e seus atributos.

Nos quadros do sebasto frontal surgem as seguintes cenas com as possíveis identificações:

- 1.º quadro – cena do *Nascimento de Jesus*, ou a da *Virgem e Santa Ana*: à esquerda, uma figura aureolada envergando manto azul está ajoelhada defronte de outra que, de mãos postas, enverga capa vermelha sobre túnica branca.
- 2.º quadro – cena da *Visitação*, ou da *Anunciação*: figura à esquerda, de pé, enverga manto azul sobre túnica branca enquanto outra, à direita, aureolada, veste túnica branca proeminente, à frente, e manto vermelho.
- 3.º quadro – cena da *Anunciação*, ou a da *Visita a Santa Isabel*: à esquerda, uma figura alada de perfil, enverga manto vermelho e olha para a figura aureolada à sua frente, que usa manto verde preso



Figura 2. Manipulo atribuído à casula vermelha do colégio jesuíta de Angra – frente. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.



Figura 3. Casula vermelha do colégio jesuíta de Angra – costas. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.



Figura 4. Estola atribuída à casula amarela do colégio jesuíta de Angra. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

no colo por grande fecho redondo; entre ambas uma pomba pouco perceptível.

O sebasto posterior (Figura 3) apresenta a representação de três edículas arquitetonicamente idênticas às do sebasto frontal acrescidas, no topo, por um segmento pouco visível onde é possível identificar dois anjos a ladear algo que Alarcão [3, p. 181] e Fulford-Williams [7, p. 11] interpretam de forma diferente: a representação de figura humana a meio corpo sobre nuvem, ou a extremidade de um leito, remetendo, o primeiro, para uma cena mortuária e o segundo para a representação da *Natividade*.

A sequência dos quadros apresenta as seguintes cenas:

- 1.º quadro – cena da *Adoração dos Magos*, ou a da *Apresentação no Templo*: a Virgem, aureolada, está sentada com o Menino no regaço, envergando túnica verde debruada a dourado e manto de cor bege; a figura masculina à direita, ajoelhada, usa túnica esverdeada com mangas vermelhas e gola castanha, e destapa um cibório que apresenta à criança (Simão ou um dos reis magos?). Por trás desta, surge um busto masculino que enverga túnica vermelha e cabeção verde. Para além do pavimento axadrezado e do fundo em paliçada de ripas pontiagudas, distingue-se um fundo paisagístico.
- 2.º quadro – cena da *Apresentação de Jesus no Templo*, ou da *Epifania*: num estrado sobre pavimento axadrezado, a Virgem segura o Menino que se inclina para os braços de um velho, de pé, à sua frente, atrás do qual surgem mais duas cabeças; outra figura masculina, posicionada à frente da Virgem, parece vestir um hábito cingido por cingulo e segura na mão um cesto; a serem as ofertas feitas



Figura 5. Barra das extremidades da estola atribuída à casula amarela do colégio jesuíta de Angra. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

por esta ocasião ao Templo, esta seria a imagem de S. José.

- 3.º quadro – cena de *Jesus entre os Doutores no Templo*: Jesus criança, sentado ao centro, enfrenta duas figuras também sentadas que se lhe dirigem com um livro aberto, enquanto a Virgem, de pé, à direita, cobre a cabeça com um manto verde.

O segundo conjunto, integra uma casula, um manipulo e uma estola. Todas as peças são confeccionadas em tecido de veludo de cor bege e estão forradas com tecido de seda da mesma cor que lhes foi aplicado aquando da intervenção de conservação e restauro a que foram sujeitos. Na estola e no manipulo (Figuras 4-5), o galão do contorno é tecido em fio de algodão amarelo e as extremidades ostentam faixas com motivos vegetalísticos e florais bordados a fio dourado e policromo, e as letras AM (na estola), EF e IO (no manipulo); ambos terminam em franja dourada.

A casula, periforme à frente e ovalada atrás, é contornada a toda a volta e no decote, redondo, por galão em fio de seda tecido e franjado a fio laminado dourado. A frente (Figura 6) apresenta um sebasto reto bordado sobre tecido de linho debruado por galão tecido em fio de seda verde e dourado, enquanto o sebasto posterior se apresenta em forma de cruz e é rematado por galão idêntico ao do contorno da casula. Antes da intervenção de conservação e restauro o sebasto frontal era debruado com galão idêntico ao que contornava toda a casula, mas a intervenção revelou que, por baixo deste, se encontrava o galão primitivo, optando-se por mantê-lo visível e remover o outro [8].

Da mesma forma que na casula vermelha, também aqui as representações iconográficas bordadas surgem em quadros inseridos em representações de edículas embora arquitetonicamente diferentes; a sequência dos quadros, na frente, é a seguinte:

- 1.º quadro – representação da *Sagrada Família*: duas figuras aureoladas trajando mantos, uma delas com um bordão, e a criança com o que parece ser um livro (ou uma pomba) nas mãos.
- 2.º quadro – figuras não identificadas: a da esquerda, aureolada, envergando manto branco e livro na mão e a da direita com veste muito trabalhada e cabeção que lhe cobre a cabeça.
- 3.º quadro – Santa Margarida e Santa Catarina: figura à esquerda coroada e com um livro e uma foice nas mãos e figura à direita com uma pequena roca e um livro nas mãos.

O sebasto cruciforme posterior (Figura 7) apresenta, no topo, a representação do *Pai Eterno* em busto, sobre o que parece ser uma nuvem chinesa, na interpretação de Teresa Alarcão. Entre essa nuvem, a Pomba do Espírito Santo, que completaria a representação da Santíssima Trindade, sendo o conjunto Pai Eterno/Pomba rematado por uma tarja com o acrónimo INRI.

Na interseção da cruz está a representação da *Crucificação* estando Jesus Cristo ladeado por dois anjos com asas muito recortadas, vestes em movimento



Figura 6. Casula amarela do colégio jesuíta de Angra – frente. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

ascensional e cálices nas mãos que aparam o sangue derramado pelas mãos cravadas na Cruz. Uma figura lateral, aos pés de Cristo, à esquerda, ajoelhada em adoração, com veste escura e um possível cabeção ou capuz, parece tratar-se de um monge, talvez o doador, dada a sua dimensão e posição na composição. Alguns autores [7] identificam esta figura, também com um cálice, como um outro anjo enquanto outros [9, p. 25; 3] sugerem a possibilidade deste elemento bordado poder ter sido aplicado posteriormente. A meio do corpo de Cristo, por trás, uma tarja que, possivelmente, teria uma inscrição.

Abaixo desta representação, dois quadros inseridos em edículas idênticas às do sebasto frontal apresentam as seguintes cenas:

- 1.º quadro – S. João e a Virgem: figura à esquerda com manto cobrindo a cabeça e as mãos cruzadas sobre o peito e à direita figura com manto e um livro nas mãos.
- 2.º quadro – Santa Úrsula de Colónia e Santa Apolónia de Alexandria: duas figuras femininas, ambas com mantos brancos, sendo a da esquerda

coroada e com uma seta invertida nas mãos e três minúsculas figurinhas sob o manto, atributos que aludem ao martírio de Santa Úrsula e ao das onze mil virgens que a acompanhavam; e a da direita com a torquês do martírio de Santa Apolónia nas mãos.

Um processo de patrimonialização

O reconhecimento do interesse patrimonial dos paramentos antigos do Colégio de Angra esteve associado, desde o início, ao grupo de paramentos bordados existentes na Matriz de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) ornamentados com motivos heráldicos ingleses (as duas casulas), e cenas da vida de Cristo (as duas dalmáticas), entre os quais se acharam semelhanças [4, pp. 77-83].

É o estudioso micaelense Luís Bernardo Leite de Ataíde (1883-1955), em 1915, que publica pela primeira vez a descrição das casulas existentes em Ponta Delgada. Muito embora não se detenha na forma como haviam chegado aos Açores, “talvez trazidas pelos jesuítas no século XVI”, acrescenta que “estes antiquíssimos bordados vieram envolvidos até 1895 em uma tradição muito incerta e

confusa” [10]. Baseado em notas manuscritas do bibliófilo e investigador Ernesto do Canto, Ataíde relata como este as identificara, através dos brasões bordados nos sebastos, como pertencentes ao cardeal John Fisher (1469-1535) e como haviam sido trazidas para os Açores pelo padre Luís Tavares Fisher, filho do primeiro Fisher que se radicara nos Açores – Guilherme –, e padre da Companhia em cuja igreja de Ponta Delgada os paramentos ficaram [11].

É com esta proposta de proveniência que parte das peças da Matriz são expostas na *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola* que se realiza em Lisboa e é inaugurada no Palácio Alvor em janeiro de 1882, integrando um conjunto de dezanove bens dos Açores.

Relata Ernesto do Canto que só em 1895, ao mostrá-las ao viajante americano S. R. Koehler, estudioso ligado ao Museu de Belas Artes de Boston e de passagem turística por Ponta Delgada, este as fotografou e, dirigindo-se para Londres, aí consultou o responsável pelo departamento das antiguidades medievais britânicas do British Museum, Sir A. Walleston Franks, que, imediatamente, reconheceu as armas bordadas nos sebastos como sendo as de John Grandisson (1292-1369), barão e bispo de Exeter e, por consequência, a sua datação recuada ao século XIV, contrariamente à datação quinhentista estabelecida pelos especialistas portugueses da *Exposição Retrospectiva*, datação e proveniência que Edith Pycroft (outra *tourist* inglesa em viagem por Ponta Delgada, onde se cruza com S. R. Koehler) confirma em texto publicado em 1908 [12].

Importa não esquecer que a patrimonialização destes bens e o seu reconhecimento é feito num contexto em que as repercussões da *Exposição Retrospectiva* se multiplicaram e a atenção aos bens artísticos, especialmente àqueles que se encontravam em palácios e igrejas, foi redobrada. Os inúmeros levantamentos que proporcionou promoveram a realização de exposições distritais (no rol das quais também se inclui a *Exposição Distrital de Artes e Industrias*, em Ponta Delgada, inaugurada a 18 de maio de 1895), além de se terem constituído museus como o de Coimbra (1884), que será o inspirador do Museu da Matriz de Ponta Delgada onde se recolherão as casulas e as dalmáticas após o seu regresso de Lisboa [13, 14].

A relação das peças de Ponta Delgada com as de Angra é estabelecida pelo Coronel Francisco Afonso de Chaves, diretor do Serviço Meteorológico dos Açores, que, nessa qualidade, acompanha os trabalhos de instalação do observatório numa das torres da igreja do antigo Colégio dos Jesuítas de Angra. Numa das suas visitas observa as duas casulas que considera terem a mesma origem das de Ponta Delgada, isto é, a coleção da Catedral de Exeter, considerações que publica em 1919 na *Revista Michaelense*.

Por essa altura, os bens da igreja angrense estavam na posse da Ordem Terceira do Carmo e as casulas, que ainda andavam ao serviço do culto, tinham sido, poucos anos antes, objeto de um restauro suportado pelo comissário da Ordem, o Padre João Evaristo Augusto de Bettencourt.



Figura 7. Casula amarela do Colégio jesuíta de Angra – costas. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

Tendo em conta a dimensão, o tecido e o tipo de bordado dos sebastos, Afonso Chaves sugere que a casula carmesim, ou cor de vinho, de Angra, em conjunto com as duas dalmáticas da mesma cor de Ponta Delgada, constituiriam um pontifical: a idêntica cor do tecido de suporte (própria das celebrações em dias consagrados a mártires e das cerimónias relacionadas com a Paixão de Cristo) e a sequência da narrativa dos quadros (cenas da Infância e Juventude de Jesus, e cenas da Paixão) denunciariam ser, funcionalmente, um conjunto e trabalho com a mesma origem.

Da mesma forma, a casula rosácea, ou amarela, de Angra ostentaria uma crucificação ladeada por dois anjos, cena semelhante a outra bordada na casula de Ponta Delgada.

Por estes indícios, deduz Afonso Chaves que todos os paramentos, cuja origem inglesa reafirma, teriam vindo

em época indeterminada para a Igreja dos Jesuítas na ilha de S. Miguel, [...] e que d'aqui, só se atendendo às necessidades do culto, e ao facto de terem duas outras casulas de côr carmezim, de grande valor, mandaram para a Igreja da Ilha Terceira a casula menos interessante à vista, apesar de que ela completava o pontifical com as dalmáticas [9].

O assunto só volta a ser retomado quando, de visita aos Açores em 1960-61, a investigadora Cecily Radford toma conhecimento da existência dos paramentos da Matriz de Ponta Delgada e da identificação que se lhe faz, localmente, de terem pertencido a John Grandisson, bispo de Exeter.

O relato que deste reconhecimento transmite ao seu colega da Devonshire Association, Reverendo H. Fulford Williams, da Catedral de Essex, permite que este dê início, em novembro de 1961, a uma troca de correspondência com os investigadores Carreiro da Costa, em Ponta Delgada, e José Agostinho, em Angra.

Fulford Williams, antigo capelão da S. George's Church, igreja anglicana de Lisboa (1937-1945), havia então terminado algumas pesquisas que envolviam a ilha Terceira, nomeadamente o episódio da derrota de António, Prior do Crato, frente ao marquês de Santa Cruz, em 1584, e a sua posterior estadia de três meses em Exeter, junto do Mayor John Davy. A pesquisa de Williams relacionava-se com a tradição familiar de se dever a essa relação com D. António a presença no brasão de armas dos Davy da representação de um maçarico (*Chloroceryle*), mais conhecido por martim-pescador.

Dado o seu conhecimento da língua portuguesa, as autoridades da Catedral de Exeter encarregam-no de investigar o assunto, já que a existência destes paramentos e da sua eventual ligação à catedral era desconhecida. Aos correspondentes açorianos são, portanto, pedidas imagens das peças e cópias dos artigos que, entretanto, Carreiro da Costa e José Agostinho tinham publicado nos periódicos *Açores* [15] e *A União* [16] respetivamente.

No artigo que depois publica, Fulford Williams reconhece a proveniência das peças dos Açores como

da Catedral de Exeter e pertencentes ao bispo John Grandisson, apoiando-se nos contributos de R. S. Koehler e E. Pycroft e em várias outras evidências:

- No inventário dos paramentos da Catedral que John Grandisson fez logo no início do seu bispado (depois impresso por G. Oliver em 1506) figuram três casulas: 1) “Cum salutatione Beatae Mariae in dorso”; 2) com as armas dos Grandisson e as do rei Eduardo III; 3) com a Crucificação e dois anjos. Esta iconografia corresponde a peças existentes nos Açores (1 e 2 em Ponta Delgada e 3 em Angra).
- O bispo Grandisson foi responsável, durante o seu bispado, pela construção da maior parte da nave da catedral de Exeter e começou a fachada oeste, onde se localiza a pequena capela no lado sul da grande porta, onde foi enterrado. Durante a intervenção que aí foi efetuada em 1957, foi encontrado um anel de Grandisson, onde está gravada a representação de uma Virgem com o Menino muito semelhante à bordada numa das peças de Ponta Delgada e que apresenta, também, as suas armas de família.
- No manuscrito da *História de Exeter* (1590), John Hooker relata a visita dos comissários de Eduardo VI à catedral, em 1552, e de como levaram muitas peças em metais preciosos e paramentos sem que se saiba o seu destino ou localização posteriormente a isso.
- Por último, Edith Pycroft, relaciona a presença, nas peças de Ponta Delgada, das armas reais britânicas e das de John Grandisson com a visita triunfal a Exeter do Príncipe Eduardo, vencedor da batalha de Poitiers, em 1356.

Esta sucessão de contributos teóricos são o pretexto para que se apresentem várias iniciativas de classificação nunca concretizadas, da Câmara Municipal de Angra, em 1964 e 1969, e do Museu de Angra, em 1970, e que o próprio Victoria and Albert Museum, de Londres, se proponha efetuar o restauro das peças angrenses [17]. Não obstante, o assunto só será retomado na década de 1990, quando, depois de recolhidos no Museu de Angra do Heroísmo na sequência do sismo de 1980, os paramentos do Colégio são enviados, em outubro de 1991, para o Instituto José de Figueiredo, em Lisboa, de onde regressam em junho de 1997, quando dois novos contributos reequacionaram a questão da sua proveniência.

Conhecedor das peças de origem inglesa da Sé de Portalegre, que Luís Keil descrevera em 1941-43 [18], e da forma como haviam chegado àquela cidade alentejana, Emanuel Félix [19] equaciona a hipótese de, também as peças de Angra, terem origem “em diversas igrejas cismáticas e heréticas do reino de Inglaterra”, diversidade confirmada e, aliás, ampliada na sequência do levantamento de paramentos bordados dos séculos XIV a XVI efetuado por Alarcão e Carvalho, quando se revelaram distintas proveniências geográficas e datações das peças angrenses, quer dos componentes de uma mesma peça (tecido de suporte e sebastos), quer das peças entre si, apontando latitudes que vão da Inglaterra à Flandres, e

cronologias do século XIV ao século XVI, confirmando a prática frequente do corte de peças e reaproveitamento de fragmentos e da sua aplicação sobre tecidos de suporte novos e de outras proveniências.

Estes contributos apontam que os sebastos bordados da casula amarela ou rosácea, do Colégio de Angra, demonstram uma aproximação estilística ao *Opus Anglicanum* – produzido nas oficinas inglesas nos séculos XIII e XIV e comum às peças de Ponta Delgada. A utilização do ponto fendido e do ponto de ouro estendido, a representação de elementos arquitetónicos de “transição entre a forma usada no século XV – um arco rebaixado e desenvolvimento de ramagens a partir de um nó central – e as arquiteturas de colunas robustas e duas aberturas no campo superior terminando em linhas acasteladas, que vão ser apanágio dos bordados ingleses do século XVI” [3, p. 103; 4, p. 25], além de figurações de asas muito recortadas e vestes trabalhadas em movimento ascensional, favorecem esta identificação.

Quanto à casula cor de vinho, ou carmesim, os sebastos aparentam ser flamengos e de uma época mais tardia. O trabalho a ponto de ouro matizado aplicado nas vestes, onde “os panejamentos são muito marcados e as pregas cortadas em ângulos bem definidos, a utilização de efeitos de relevo pelo recurso a cordões de enchimento” e, por fim, a característica composição arquitetónica das edículas constituída por colunas em dupla espiral, pequena esfera intermédia e capitéis envoltos em folhagem que desce de um arco central encimado por uma pequena torre saliente [3, p. 182], caracterizam-na.

As peças da igreja da Ribeirinha

Da casula em veludo com sebastos bordados e a respetiva estola pertencentes à Igreja Paroquial da Ribeirinha (Angra do Heroísmo – Ilha Terceira) desconhece-se quase tudo: a sua proveniência e datação, bem como a forma e a época da sua incorporação nos bens daquela igreja.

A sua existência é assinalada num levantamento efetuado pelo Museu de Angra, provavelmente na década de 1950, mas em que apenas é descrita a casula: “de veludo e brocado de linho bordado a ouro e matiz (paramento de origem inglesa). Século XIV” [20]. Depois disso, o museu associá-las-á às propostas de classificação dos bens do Colégio que apresenta na década de 1970, onde sugere tratar-se de “trabalho português ou italiano, e haver pertencido originariamente a uma das igrejas de Angra (Colégio dos Jesuítas ou Sé)” [21]. Apesar da falta de comprovação documental desta suposição, o que é certo é que os autos dos bens confiscados aos jesuítas na cidade de Angra, datado de 1765, referem a existência de paramentos bordados, assinalando que estavam na sacristia

honze cazullas com estolas e manipollos correspondentes humas de damasco de ouro, outras de veludo com sebastos bordados,

huma de galasse de prata, e todas gioarnessidas da mesma e ouro das quês sinco sam quazi novas [22].

O seu paradeiro atual é desconhecido mas a dispersão por outras igrejas da ilha não é despreciable a avaliar pela trajetória conhecida de outros bens deste colégio que, depois da extinção, foram entregues ao bispo da diocese, como os castiçais de prata datados e com a marca do doador – Alonso Cymbbron – pertencentes à capela de Santa Teresa e atualmente na Sé Catedral são exemplo [2, p. 71]; da mesma forma, do Colégio de Ponta Delgada, também os paramentos bordados transitaram, de forma não documentada, para a igreja Matriz.

Só em artigo de 1996, Emanuel Félix [21] descreve as duas peças reafirmando como proveniência a Inglaterra, mas remetendo a datação para a segunda metade do século de quinhentos sem que para isso apresente argumentação justificativa. A sua preocupação centra-se na identificação dos personagens dos sebastos bordados que, desde a identificação inicial, haviam sido sujeitos a um processo de descoloração dos materiais e de perda de fios de preenchimento, processo que continuou até à atualidade e que é verificável a partir da comparação das imagens publicadas por Félix em 1996 e as atuais.

A casula em veludo cortado vermelho tem sebastos bordados sobre tecido amarelo aplicados na frente e costas



Figura 8. Casula da Igreja Paroquial da Ribeirinha – frente. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

(Figura 8); o bordado é executado a lâminas de metal douradas e prateadas e a ornamentação floral bordada a fio de seda (?) policromo. Os sebastos são delimitados por galão bordado enquanto todo o contorno da casula é debruado por faixa de tecido lavrado amarelo com tramas de lâmina metálica. Acompanhando o tecido lavrado, galão tecido franjado de cor vermelha com fio laminado de metal e, por fim, forro em cetim de seda (?) azul aplicado sobre suporte em tafetá de linho (?) castanho.

Ambos os sebastos apresentam tondos emoldurados por cordões entrelaçados com motivos vegetalistas e frutos, onde se destacam os cachos de uvas. Cartelas sob cada tondo teriam a designação bordada correspondente a cada figura. No sebasto frontal estão representados, de cima para baixo, os quatro Evangelistas:

- São Lucas (?): busto virado sobre o lado esquerdo, enverga veste ampla aberta à frente e o que parece ser o manto que lhe cobre a cabeça e o halo (?); do lado direito, como atributo, um livro aberto como se estivesse numa estante ou sobre um cavalete, e enquadrado por motivos fitomórficos.
- S. João (?): busto virado sobre o lado esquerdo apenas percebido no seu contorno, já que se localiza na zona de maior desgaste do sebasto, atravessada por dobras em que o fio do bordado desapareceu completamente; ainda assim, Félix identifica “a figura de um jovem que escreve ligeiramente debruçado sobre um livro”.
- São Mateus (?): busto de frente, com a cabeça ligeiramente virada à esquerda e as mãos frente ao peito, repousando uma sobre um ramo; veste com mangas tufadas, cabeção sobre os ombros e o peito e gorro com dobra sob o halo de santidade. Do canto inferior esquerdo surge a figura de um jovem de perfil, segurando um livro aberto frente ao evangelista.
- São Marcos: busto de frente com a cabeça ligeiramente tombada sobre a esquerda; veste ampla em padrão riscado, com capa e cabeção; as mãos seguram o que parece ser uma folha de pergaminho desenrolada, e um tinteiro. A cabeça e a asa do leão alado que lhe serve de atributo, surgem à esquerda.

O sebasto das costas (Figura 9), em forma de cruz latina, repete o padrão decorativo do sebasto frontal e a mesma disposição de figuras em tondos, muito embora aquele colocado na interseção da cruz assuma um formato quadrilobado. A figura aí representada é a de Cristo, a única que surge de corpo inteiro, com uma veste de mangas largas e capa fechada no peito. Na mão esquerda suporta o globo terrestre do *Salvatori Mundi*, atribuição que se confirma pela legenda em que, em 1996, Félix informa ainda ter distinguido a palavra SALVATR. As outras figuradas representadas são, de cima para baixo, as seguintes:

- Monograma IHS circundado por raios flamejantes.
- Ladeando a representação de Cristo, no do lado esquerdo do observador, São Pedro em busto virado à direita e vestindo camisa e uma capa sobre o



Figura 9. Casula da Igreja Paroquial da Ribeirinha – costas. Fotografia: MAH / Paulo Lobão.

ombro esquerdo. Suporta na mão esquerda um livro e, na direita, uma chave; no lado direito o busto de São Paulo, virado sobre a esquerda e envolto numa capa debruada com fecho sobre o ombro direito; nas mãos tem um livro (porque apóstolo) e uma espada, atributo do seu martírio.

- Figura virada à esquerda segurando um livro e o que pode ser um bordão de peregrino (S. Jerónimo?) ou um chicote (S. Ambrósio)
- São Bartolomeu segurando na mão esquerda uma faca alusiva à sua morte por esfolamento.
- Arcanjo São Miguel em luta com o dragão que surge do lado esquerdo da extremidade inferior. O medalhão não apresenta o espaço da legenda depreendendo-se que foi cortado.

A análise efetuada pelo Laboratório José de Figueiredo em 2016 [23] sustenta a cronologia quinhentista baseada na análise de tecidos, composições ornamentais e técnica empregues. Certo é que a representação dos evangelistas revela realismo anatómico e alguma fluidez dos panejamentos, enquanto o reportório decorativo é marcado pela inserção de tondos ao gosto renascentista; utiliza técnicas de fios laminados e cordões estendidos presos com pontos de seda com pouca densidade, e usa

fios laminados nos pormenores das representações humanas, deixando grandes áreas sem bordado e com o tecido de suporte à vista.

Apesar disto, a casula da Ribeirinha nunca foi objeto de proteção, classificação ou intervenção de conservação e restauro, permanecendo, aliás, no espaço de arrumação das restantes casulas da paróquia. Não deixa de ser curiosa, porém, a sua existência na igreja paroquial de uma freguesia rural constituída por volta de 1515: se bem que a mais próxima da cidade, é caracterizada, em meados do século XIX, como uma das freguesias mais pobres da ilha [24]. Sabe-se, porém, pelos registos dos livros de receitas e despesas ter a primitiva igreja sido acrescentada entre 1780 e 1787 [25], quando o templo já albergava cinco confrarias (Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, Senhor Santo Cristo, S. Pedro e S. Antão – que em 1744 foram responsáveis pela aquisição de uma estante para o coro) e ainda as irmandades das Almas e de Nossa Senhora das Dores e a Ordem Terceira Franciscana.

Considerações finais

As casulas e respetivos manípulos e estola descritos são os únicos que ostentam sebastos bordados e que, até à data, foram identificados na ilha Terceira, enquanto em todo o arquipélago apenas se conhecem, além destes, os paramentos bordados da Matriz de Ponta Delgada.

O contributo dos meios laboratoriais para a sua descrição permitiu conhecer e estabelecer melhor a sua diversidade formal, técnica e estética e dispor de dados que contribuem para uma aproximação à determinação da sua filiação geográfica e cultural até aqui fixada com base em débeis argumentos documentais: tecidos de suporte em veludo cortado de origem ainda não determinada e sebastos bordados ingleses do final do século XV e flamengos do século XVI.

Se bem que no contexto medievo e tardo medieval da sua produção a encomenda e importação de peças a partir de centros produtores de excelência se constituísse como uma prática frequente para a composição do vestuário litúrgico das igrejas, para as peças angrenses apenas dispomos dos dados que nos confirmam a existência de casulas bordadas na igreja do extinto colégio jesuíta sem mais confirmação de eventual encomenda. Todavia, dada a importância catequética que as igrejas jesuítas desempenhavam nos Açores, tais peças mostrar-se-iam compatíveis com as peças de qualidade superior que compunham todo o reportório decorativo (sobretudo pintura e imaginária) da igreja, em parte importado e financiado pela elite angrense [2, pp. 61-65].

Apesar de só a continuação da pesquisa comparativa e arquivística poder vir a fazer surgir novos dados explicativos sobre a origem e a razão da presença destas peças em igrejas açorianas, o estabelecimento do percurso do seu reconhecimento e da patrimonialização de que foram sendo objeto impõe que se repensem as necessidades de proteção de bens tão frágeis como os que

se materializam em suportes têxteis e que este artigo tem como objetivo central, dando-as a conhecer num âmbito mais alargado de especialistas.

Referências

- Costa, S. G., 'A diocese de Angra: comemoração dos seus 475 anos', in *Tecer Relações. Paramentaria e Vivências Religiosas nos Açores*, Direção Regional da Cultura/Museu Carlos Machado, Ponta Delgada (2009) 19-23.
- Leite, J. G. R., *Palácio dos Capitães Gerais*, Presidência do Governo Regional dos Açores, Ponta Delgada (2012).
- Alarcão, T.; Carvalho, J., *Imagens em Paramentos Bordados. Séculos XIV a XVI*, Instituto Português de Museus, Lisboa (1993).
- Alarcão, T., 'As peças *opus anglicanum* da Igreja Matriz de Ponta Delgada' in *Tecer Relações. Paramentaria e Vivências Religiosas nos Açores*, Direção Regional da Cultura/Museu Carlos Machado, Ponta Delgada (2009) 25-28.
- Afonso, J., 'De Londres para Angra. O Museu *Victoria and Albert* propõe-se restaurar os mais famosos paramentos existentes na Diocese', *Diário Insular* 7394 (1970) 1, 6.
- 'Relatório do estudo e tratamento de conservação e restauro de duas casulas pertencentes à Igreja do Colégio de Angra do Heroísmo', relatório de intervenção, Instituto José de Figueiredo, Lisboa (1997).
- Fulford-Williams, H., *The Vestments of Bishop Grandisson Now in the Azores*, Devonshire Association, Essex (1962).
- Ribeiro, I; Pedro, L., 'Recuperação de uma casula do século XV/XVI', 3.º Encontro Científico do IPCR: Metodologias de Diagnóstico e Intervenção no Património, MC/IPCR, Lisboa (2003) 66-71.
- Chaves, F. A., 'Paramentos religiosos do século XIV das igrejas, Matriz de Ponta Delgada, e do Collegio de Angra do Heroísmo', *Revista Micaelense* 3 (1919) 25.
- Ataíde, L.B.L., *Notas sobre Arte*, Oficinas da Papelaria Micaelense, Ponta Delgada (1915).
- 'Extractos micaelenses', manuscritos, Biblioteca e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Fundo Ernesto do Canto, vol. 3, 51-53.
- Pycroft, E., 'The wanderings of a Bishop's vestments', *Guardian* (1908-1-7).
- Pereira, G., 'Exposições', *Occidente* 18(597) (1895) 163.
- Ataíde, L. B. L., 'Novos subsídios para a Ethnographia e História da Arte Portuguesa – A banqueta e as duas custódias do Museu da Matriz de Ponta Delgada', *Revista Michaelense* 2(2) (1919) 179-183.
- Açores* 4924 (1961-11-9) 1, 5.
- A União* 19786 (1961-11-20) 1, 3.
- Diário Insular* 7394 (1970-12-24) 1.
- Keil, L., *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre I*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes (1943).
- Félix, E., 'Paramentos antigos dos Açores: vestes sacerdotais inglesas dos séculos XIV e XV', *Atlântida* 37(2) (1993) 7-28.
- 'Inventário artístico das igrejas da ilha Terceira (Paramentos, pratos e outras alfaias religiosas)', documento datilografado, Museu de Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, Espólio Baptista de Lima.
- Félix, E., 'Paramentos antigos dos Açores: casula do século XVI pertencente à Igreja Paroquial de São Pedro da Ribeirinha (ilha Terceira)', *Atlântida* 42 (1996) 23-43.
- Documentos para a História da Arte em Portugal. 13. Arquivo do Tribunal de Contas. Colégios de Portalegre, Portimão*,

Faro, Angra, Ponta Delgada e Funchal (Companhia de Jesus),
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1973).

- 23 Monteiro, P., 'Parecer técnico', documento não publicado, DGPC – Laboratório José de Figueiredo, Lisboa (2016).
- 24 Drumond, F. F., *Apontamentos Topográficos, Politicos Civis e Eclesiásticos*, IHIT, Angra do Heroísmo (1990).
- 25 Merelim, P., *As 18 Paróquias de Angra*, 2ª edição, IHIT, Angra do Heroísmo (2017).

Recebido: 2018-7-3

Revisto: 2018-11-20

Aceite: 2018-12-14

Online: 2019-2-18



Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt>.